

Psicologia Social

Gênero e sexualidade nos relacionamentos íntimos: Significados e experiências de idosas

Izabella L. Crema¹

 <https://orcid.org/0000-0001-6929-8579>

Rafael De Tilio²

 <https://orcid.org/0000-0002-4240-9707>

Para citar este artigo: Crema, I. L., & De Tilio, R. (2021). Gênero e sexualidade nos relacionamentos íntimos: Significados e experiências de idosas. *Psicologia: Teoria e Prática*, 23(2), 1–23.

Submissão: 18/11/2019

Aceite: 08/02/2021



Este artigo está licenciado com uma Licença Creative Commons – Atribuição–Não Comercial 4.0 Internacional.

1 Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas da Prefeitura Municipal de Uberaba, Uberaba, MG, Brasil.

2 Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba, MG, Brasil.

Resumo

Esta pesquisa objetivou compreender os significados e as experiências atribuídos por idosas às relações de gênero e à sexualidade vivenciadas em seus relacionamentos íntimos. Entrevistaram-se 12 frequentadoras de uma Unidade de Atenção ao Idoso (UAI) localizada em uma cidade do interior de Minas Gerais. A partir de uma análise de conteúdo temática, foram estabelecidas três categorias: “Influência da educação para a sexualidade”, “Normatização da sexualidade” e “Resignificações sobre a sexualidade durante o envelhecimento”. Os principais resultados destacaram que as participantes receberam uma educação (formal e informal) moralmente rígida que reforçou papéis tradicionais de gênero (dupla moral sexual), gerando desinformações, medos, vergonhas, incertezas e dúvidas sobre a feminilidade e a sexualidade que, todavia, puderam ser em parte reformulados durante o envelhecimento em razão das novas experiências e dos novos conhecimentos (com a participação na UAI), e, assim, os significados e as experiências delas transitaram entre concepções tradicionais e questionamentos das relações de gênero e sexualidade.

Palavras-chave: envelhecimento; idosos; casamento; sexualidade; gênero.

GENDER AND SEXUALITY IN INTIMATE RELATIONSHIPS: ELDERLY WOMEN MEANINGS AND EXPERIENCES

Abstract

This research aimed to understand the older women meanings and experiences attributed about gender relations and sexuality in their intimate relationships. Twelve women attending an Elderly Care Unit in a Minas Gerais/Brazil city were interviewed. From a thematic content analysis three categories were established: “Sexuality education influences”, “Sexuality standardization”, and “Aging sexuality resignifications”. The main results highlighted that the participants received a morally rigid education that reinforced traditional gender roles (double sexual morality) generating misinformation, fears, shame, uncertainties and doubts about femininity and sexuality that, however, could be reformulated during aging due to new experiences and knowledge and, thus, their meanings and experiences moved from gender and sexuality traditional conceptions to their questionings.

Keywords: aging; elder; marriage; sexuality; gender.

GÉNERO Y SEXUALIDAD EN LAS RELACIONES ÍNTIMAS: SIGNIFICADOS Y EXPERIENCIAS DE ANCIANAS

Resumen

El objetivo de esta investigación fue comprender los significados y las experiencias que las mujeres mayores atribuyen a las relaciones de género y a la sexualidad en sus relaciones íntimas. Se entrevistó a doce mujeres que asistían a una Unidad de Atención al Anciano en una ciudad de Minas Gerais/Brasil. A partir de un análisis de contenido temático se establecieron tres categorías: “Influencia de la educación sexual”, “Normalización de la sexualidad” y “Resignificaciones de la sexualidad durante el envejecimiento”. Los principales resultados destacaron que los participantes recibieron una educación moralmente rígida que reforzaba los roles tradicionales de género generando desinformación, temores, vergüenza, incertidumbres y dudas sobre la feminidad y la sexualidad que fueron reformulados en el envejecimiento debido a las nuevas experiencias y conocimientos. Así, sus significados y experiencias pasaron de concepciones tradicionales de género y sexualidad a cuestionamientos.

Palabras clave: envejecimiento; anciano; matrimonio; sexualidad; género.

1. Introdução

No Brasil contemporâneo, tem ocorrido o aumento da expectativa de vida e do número de idosos, e, entre eles, as mulheres são maioria vivendo em média de cinco a oito anos a mais que os homens – fenômeno denominado feminização da velhice (Cabral, Lima, Rivemales, Souza, & Silva, 2019). Apesar disso, elas envelhecem em piores condições de saúde (devido às desigualdades familiares, sociais e profissionais), além de sofrerem opressões e repressões que controlam seus corpos e sexualidade decorrentes de características de gênero (mulheres) e geração (idosas) (Sousa & Sirelli, 2018).

O envelhecimento se intersecciona com outros marcadores sociais, e tais articulações contribuem para a construção de sujeitos históricos singulares, mas submetidos às hierarquias de poder distintas que interferem em suas experiências sexuais e relacionamentos íntimos (Santos & Lago, 2016). A respeito da geracionalidade, deve-se considerar que os atuais idosos provavelmente estiveram expostos às assimetrias moralistas e tradicionalistas de gênero assentadas numa concepção de família heterossexual, monogâmica e indissolúvel (Alves-Silva, Scorsolini-Comin, & Santos, 2016) e numa rígida distinção entre homens e mulheres pautada na dupla moral sexual que impõe restrições à sexualidade e à inserção das mulheres

no espaço público (educação e trabalho) (Queiroga, Magalhães, & Nogueira, 2018; Zanello, Fiuza, & Costa, 2015).

Zanello et al. (2015) evidenciam que o processo de subjetivação das mulheres e sua sexualidade são interpelados por normas heteronormativas de gênero representadas pelos dispositivos casamento/amor, maternidade e silenciamento. Desse modo, há expectativas pela manutenção de um relacionamento amoroso, resignação e renúncia sexual, recato, dedicação à família e adequações aos padrões estéticos, entre outros. Assim, especificamente em relação ao envelhecimento das mulheres idosas, são atribuídos significados e esperadas atitudes, tais como assexualidade, pureza, deserrotização, obediência, conformismo e medicalização da sua sexualidade (Fernandes, Barroso, Assis, & Pocahy, 2015; Santos & Lago, 2016).

Apesar da associação entre envelhecimento e assexualidade, Vieira, Coutinho e Saraiva (2016) e Rodrigues, Portilho, Tieppo e Chambo (2018) argumentam que a sexualidade não cessa com o passar dos anos (a despeito das alterações biológicas e hormonais). Os autores destacam que a libido, a busca por prazer e satisfação e o interesse sexual são influenciados por diversos fatores além dos biológicos (experiências anteriores; oportunidades de vivência da sexualidade; histórico de vida; apoio de parceiros, familiares, profissionais de saúde e grupos de convivência; qualidade percebida dos relacionamentos íntimos; condições de saúde e econômicas; educação).

Também é significativo destacar que Crema, De Tilio e Campos (2017), a partir de uma revisão integrativa da literatura científica nacional e internacional (sobre repercussões da menopausa para a sexualidade de mulheres idosas), demonstraram a expressividade de pesquisas internacionais com delineamento metodológico quantitativo que enfatizam avaliações das condições biológicas que afetam a sexualidade, sendo poucas as pesquisas realizadas exclusivamente com mulheres idosas no período pós-menopausa em comparação com aquelas que adotam estritamente delineamento metodológico quantitativo. Esse cenário estimula a realização de investigações sobre o envelhecimento das mulheres no Brasil e suas demandas, incluindo as relacionadas à sexualidade e ao gênero que não podem ser reduzidas às abordagens biológicas ou fisiológicas (Souza et al., 2019).

Desse modo, são relevantes pesquisas qualitativas que enfatizem a perspectiva das idosas sobre os significados e as experiências em relação à sexualidade e ao gênero vivenciados nos seus relacionamentos íntimos e que interseccionam se-

xualidade, gênero e geração. Por isso, esta pesquisa tem como objetivo compreender os significados e as experiências atribuídos por idosas às relações de gênero e à sexualidade vivenciadas em seus relacionamentos íntimos.

2. Método

2.1 Tipo de estudo

Trata-se de estudo descritivo de abordagem qualitativa e delineamento transversal. Os estudos descritivos de abordagem qualitativa buscam compreender um fenômeno por meio dos significados atribuídos pelos próprios sujeitos aos aspectos da realidade e da dinâmica das relações sociais; por sua vez, o delineamento transversal se caracteriza pela obtenção de informações em um momento específico (Turato, 2013).

2.2 Cenário

A Prefeitura de uma cidade do interior de Minas Gerais oferece um serviço de atenção denominado Unidade de Atenção ao Idoso (UAI), fundado em 1986, que funciona de segunda a sexta-feira nos períodos matutinos e vespertinos. Esse serviço possuía (em setembro de 2020) aproximadamente 3.100 idosos cadastrados (sendo 2.325 mulheres e 775 homens) para os quais são oferecidas atividades de alfabetização, artesanatos, avaliação nutricional, atendimento social e psicológico, promoção à saúde e prevenção de doenças, oficinas pedagógicas, atividades socioeducativas e culturais, viagens e atividades físicas etc., visando ao incremento da qualidade de vida dos participantes (Nardelli et al., 2016). Uma equipe multiprofissional (assistentes sociais, profissionais de educação física, enfermeiro, fisioterapeuta, pedagogo, nutricionista, psicólogo, terapeuta ocupacional, instrutores de informática e artesãos) coordena as atividades.

2.3 Participantes

Os nomes das participantes foram substituídos por nomes fictícios. A amostra é composta por 12 mulheres (Bertha, 61 anos de idade; Dandara, 63; Maria, 64; Elza, 66; Nísia, 67; Joana, 68; Judith, 69; Valentina, 70; Leila, 72; Ângela, 73; Patrícia, 74; Simone, 78) que responderam aos critérios de inclusão (mulheres; maiores de 60 anos de idade; inscrição ativa na UAI; que vivenciaram ou vivenciam relacio-

namentos de longa duração) e de exclusão (deixar de frequentar a UAI ou cancelar sua inscrição) da pesquisa.

Em relação ao perfil das 12 participantes, a idade variou de 61 a 78 anos (média de 68,75 anos). Oito declararam ser casadas, duas amasiadas, uma viúva e uma namora. O tempo médio de duração dos relacionamentos é de 36,36 anos (entre 47 anos de casamento e oito de namoro). Mesmo nos casos de viuvez os relacionamentos são/foram de longa duração (Simone e Patrícia tiveram casamentos, respectivamente, de 52 e 40 anos de duração). Duas participantes citaram separações e divórcio (Bertha, casada durante 15 anos e depois amasiada há 25 anos; Nísia, casada durante quatro anos e depois amasiada há 31 anos). Onze participantes têm filhos (variando de um a cinco filhos, com média de 2,16 filhos), e uma não tem. Cinco participantes possuem ensino fundamental incompleto, uma possui ensino médio incompleto, uma possui ensino médio completo, duas possuem magistério e três completaram o ensino superior. Oito se denominaram católicas, três espíritas, e uma não tem religião. Nove são aposentadas e três não; duas citaram que a renda é proveniente exclusivamente do parceiro. Dez participantes citaram exercer atividades domésticas; quatro relataram cuidados com familiares e/ou animais; quatro realizam trabalhos artísticos e manuais. Cinco realizam regularmente exercícios físicos.

Sete participantes citaram ter atualmente vida sexual inativa, e quatro justificaram que deixaram de ter relações sexuais por causa de disfunções eréteis dos parceiros; destas, duas relataram se masturbar, mas não reconheceram essa prática como vida sexual ativa. Cinco citaram possuir atualmente vida sexual ativa, caracterizando a frequência como “às vezes” (de duas a três vezes por semana; ou não especificada). Duas que citaram possuir vida sexual ativa incluíram a masturbação, porém uma disse que deixou de fazê-lo devido às contraindicações (possíveis problemas decorrentes dessa atividade) do seu médico.

2.4 Instrumentos

A coleta dos dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas a partir de roteiro de perguntas, formulado pelos pesquisadores, que abordava dados sociodemográficos e temas específicos, como vida sexual pregressa e atual, características dos relacionamentos íntimos, papéis de gênero nos relacionamentos, fontes de informação sobre sexualidade e experiências sexuais.

2.5 Procedimentos para coleta e análise dos dados

Antes da coleta dos dados, realizou-se uma reunião com a coordenação da UAI para esclarecer os objetivos e os procedimentos da pesquisa. Em seguida, o banco de dados e de cadastro de usuários da UAI (*software* ASocial que compila as características dos inscritos) foi acessado, e a primeira idosa da lista que correspondia aos critérios de inclusão foi contatada pelos pesquisadores (se negada a participação, a próxima participante da lista seria contatada; e no primeiro caso de aceite de participação, a entrevista foi agendada e realizada). Para o recrutamento das demais participantes, utilizou-se a estratégia de cadeia referenciada (cada nova participante seria indicada pela anterior, sendo incluída caso correspondesse aos critérios de inclusão) (Turato, 2013). No entanto, algumas participantes não fizeram indicação, e, nesse caso, recorreu-se ao ASocial, e a próxima idosa da lista foi contatada. O recrutamento foi encerrado quando 12 entrevistas foram concluídas, considerando, após avaliação da entrevistadora e de um juiz independente, o critério de saturação dos dados (Minayo, 2017).

Todas as entrevistas, de duração aproximada de uma hora cada, foram audiogravadas e ocorreram em uma sala reservada da UAI. Finalizada a coleta de dados, as entrevistas foram transcritas na íntegra e impressas, e seus conteúdos foram organizados em categorias de acordo com os procedimentos de análise de conteúdo temática a partir de critérios semânticos propostos por Braun e Clarke (2006) e Turato (2013): leitura minuciosa de cada entrevista e comparação do conjunto das entrevistas; identificação/seleção dos trechos semelhantes no conjunto das entrevistas (isto é, a seleção/aproximação dos excertos observou critérios semânticos, relacionados à semelhança de sentidos; devido ao limite de espaço deste artigo, são apresentados apenas os excertos mais ilustrativos de cada subtema/tema) para a composição das categorias a serem analisadas (a consistência das categorias foi avaliada e obteve concordância de um juiz independente); interpretações qualitativas dos dados a partir do referencial teórico.

O referencial teórico para análise compreendeu pesquisas recentes acerca do envelhecimento, da sexualidade feminina e das relações de gênero, além de autores e teorias que recusam que a(s) sexualidade(s), o(s) gênero(s) e o(s) envelhecimento(s) possam ser explicados unicamente por concepções biológicas, mas que abordam esses temas e suas relações a partir da análise das relações de poder histórica e socialmente constituídas, tais como Judith Butler (2016), Michel Foucault (2014) e Guacira Louro (2014).

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da universidade de origem dos pesquisadores: Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 55045116.6.0000.5154 na Plataforma Brasil.

3. Resultados e discussão

A partir dos dados coletados, foram constituídas três categorias temáticas *a posteriori*: “Influência da educação para a sexualidade”, “Normatização da sexualidade” e “Ressignificações sobre a sexualidade durante o envelhecimento”, cujos subtemas são apresentados na Figura 3.1.

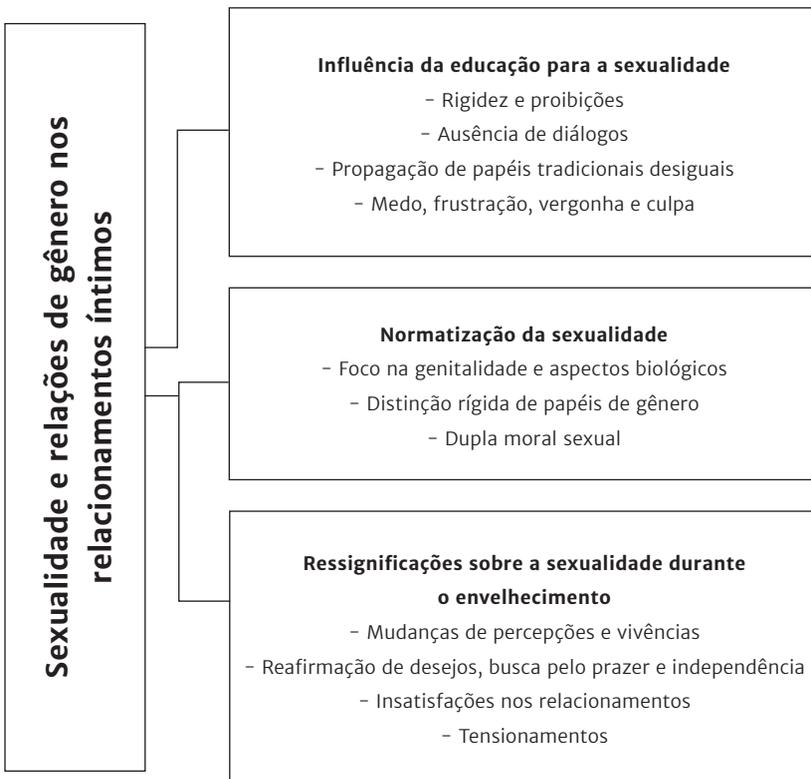


Figura 3.1. Subtemas e categorias temáticas.

3.1 Categoria 1: Influência da educação para a sexualidade

Todas as participantes relataram que receberam de seus pais e cuidadores uma educação repleta de tabus, valores morais e religiosos atravessados por tradicionalismos morais de sexualidade e de gênero – isto é, que diferenciavam as atitudes e expectativas para homens e mulheres. Destacou-se a ausência de diálogo sobre a sexualidade, os relacionamentos íntimos e o próprio corpo, indicando a insuficiência de conhecimentos das participantes sobre esses assuntos. Tais dados comungam com os relatados por Queiroga et al. (2018) (em pesquisa feita com mulheres portuguesas acima de 65 anos) que identificaram, nos relatos das idosas, a escassez de discussões sobre sexualidade entre elas e seus familiares, bem como a transmissão de mitos, tabus, preconceitos e perspectivas biológicas e dicotômicas a respeito dos papéis de gênero (submissão e passividade das mulheres).

As participantes relataram que assuntos significativos sobre sexualidade (primeira menstruação, relações sexuais e estratégias contraceptivas) não foram abordados em suas juventudes e vida adulta por suas famílias ou nos espaços de convivência e de socialização:

No tempo da gente, a gente casou até meio boba. Porque os pais de antigamente já era muito fechado. Então, eles não explicavam pra gente como que era a vida. Inclusive, eu fiquei moça [menstruou] já velhinha. Fiquei moça com 16 anos. Eu não sabia o que era, que a minha mãe não conversava. Então, aquilo me apavorou (Judith, 69 anos).

Não, foi passado pra gente que a gente não podia se entregar, que nem sobre menstruação, assim, a gente não sabia de nada porque minha mãe, tadinha, não tinha estrutura para isso, para conversar com a gente sobre isso (Bertha, 61 anos).

Os idosos (maioria de mulheres) do estudo de Uchôa et al. (2016) também relataram o quanto se sentiam despreparados no início da vida sexual, visto que não dialogavam sobre o assunto com seus familiares e obtinham informações com amigos. A falta de diálogo sobre a sexualidade foi ressaltada por grande parte das participantes como uma dificuldade nos relacionamentos afetivos e íntimos com seus parceiros. Nas raras situações em que a sexualidade foi assunto entre os fa-

miliares, as participantes revelaram que os diálogos eram rápidos e enfatizavam restrições e proibições da sexualidade feminina, sem quaisquer explicações plausíveis: “Porque os pais da gente não conversavam... só, cuidado! Cuidado! A barriga cresce. A barriga cresce... Então, é boba, né? Sentia vergonha demais. Muita vergonha!” (Judith, 69 anos). Nesse sentido, a educação recebida esteve assentada na dicotomia e na rigidez dos papéis e das relações de gênero. As participantes enfatizaram que os familiares destacavam a importância do casamento, da virgindade antes do matrimônio, da maternidade, do cuidado do marido/filhos/netos e das atividades domésticas, além do recato, da fidelidade, do distanciamento do erotismo e do contato com os parceiros afetivos e sexuais antes do casamento e da resignação diante do parceiro sexual em qualquer etapa da vida: “Então... é complicado, porque criada com aquele regime militar, né? Jamais pode trair o marido, né? Aí, como que você faz? Você não pode trair, né?” (Ângela, 73 anos).

Tais aspectos se relacionam com a história da sexualidade feminina no Brasil, norteadas por uma moralidade religiosa cristã propagadora da importância da virgindade feminina e da renúncia ao prazer antes do casamento (Fernandes-Eloi, Dantas, Souza, Cerqueira-Campos, & Maia, 2017), cujos desvios poderiam gerar culpas, estigmas, recriminações e punições para as mulheres. O estudo de Rodrigues et al. (2018) evidenciou que as idosas (atendidas em um ambulatório de ginecologia) que relatavam desejo sexual experimentam igualmente sentimentos de culpa e vergonha pela busca por prazer. Nota-se que as participantes desta pesquisa destacaram valores que associam o exercício da sexualidade e o gênero feminino à reprodução biológica, à maternidade, aos cuidados dos familiares, às atividades domésticas e ao ideal de casamento monogâmico e indissolúvel (Butler, 2016; Zanello et al., 2015).

Assim, os relatos das participantes destacaram que as orientações recebidas se resumiam às suas obrigações nos relacionamentos afetivos, tais como a satisfação sexual do parceiro:

Você não pode rejeitar. Porque se você rejeitar, ele vai procurar na rua. Entendeu? Tem uma outra coisa que minha mãe me ensinou: quando você não está a fim, está te machucando, finge que você tá sentindo prazer, ele num instantinho ele goza e sai de cima. É pá, puf! Ah, delícia! (Nísia, 67 anos).

Desse modo, desinformações, medos, frustrações, vergonhas, culpas, dúvidas e incertezas marcaram os relatos sobre suas vivências e relacionamentos íntimos, principalmente no início da vida sexual – diferentemente dos parceiros homens que, segundo as participantes, possuíam informações, permissões e liberdades para as experiências sexuais desde muito cedo quando comparados a elas. Fernandes-Eloi et al. (2017) e Sousa e Sirelli (2018) enfatizaram a posição privilegiada dos homens que detinham conhecimentos sobre sexualidade e poder nos relacionamentos afetivos e sexuais. Na presente pesquisa, todavia, reitera-se que a maioria das participantes discorreu sobre a falta (desde o início do relacionamento até a atualidade) de intimidade com o parceiro por conta da inexperiência sexual, do medo e da vergonha:

Porque a mamãe ela falava muita coisa, ela punha muito medo na cabeça da gente. Falava que só de você encostar no rapaz você engravidava, então a gente tinha um medo que você precisa de ver. Mesmo quando eu casei, você precisa ver o medo que eu ainda tinha. Eu acho que isso atrapalhou até na relação sexual, que aí por causa do medo atrapalhava. Aí demorou e eu descobri assim, assim que era bem diferente (Patrícia, 74 anos).

Elza (66 anos) relatou que, durante muitos anos, sentiu-se reprimida sexualmente devido às proibições enfatizadas na juventude pelos pais em relação à sexualidade: “Porque eles falavam que a gente não, que o sexo era papai e mamãe e só. Existem outras formas de carinho, de afeto, de provocação, né? Isso nada era permitido, né? Mas eu fiquei muito reprimida durante muito tempo”. É possível considerar como a educação repressora e proibitiva recebida a respeito da sexualidade e do gênero feminino gerou repercussões nas vivências e nas relações sexuais e de gênero dessas idosas (Vieira et al., 2016; Vieira, Nóbrega, Arruda, & Veiga, 2016). Como aponta a literatura científica, os preconceitos, mitos e tabus somados às insuficiências de conhecimentos e informações sobre os assuntos contribuem para a cristalização de submissões, desigualdades, dúvidas, medos, inseguranças, culpa, preocupações, vulnerabilidades (infecções sexualmente transmissíveis, gravidezes, violências) e outros (Nardelli et al., 2016; Queiroga et al., 2018).

Mesmo que restrita, a educação informal sobre a sexualidade (recebida em casa por parte dos seus familiares) esteve mais presente nos relatos das partici-

pantes do que a educação formal (recebida nas instituições de ensino). Esse aspecto se diferencia do apresentado por Nardelli et al. (2016) que apontam que níveis educacionais mais elevados e/ou o acesso à escolarização formal influenciam positivamente o conhecimento sobre sexualidade e sobre relações de gênero nos relacionamentos íntimos – isto é, mulheres com níveis elevados de escolaridade formal teriam uma compreensão mais holística da sexualidade (para além da genitalidade), menores dificuldades sexuais, atitudes mais positivas sobre a menopausa e menores chances de baixa excitação genital e de disfunções sexuais no envelhecimento.

Todavia, ressalta-se que nesta amostra mesmo as participantes que concluíram o ensino superior declararam que não tiveram espaços formais adequados para a discussão sobre sexualidade e relações entre os gêneros; para elas, mesmo as instituições de ensino superior não viabilizaram oportunidades de diálogo e esclarecimentos sobre esses temas. Estudos apontam lacunas na formação superior brasileira a respeito da sexualidade até mesmo em cursos da área da saúde, e essas omissões reforçam desigualdades entre os gêneros, além de destacarem o despreparo dos profissionais da saúde para lidar com o assunto (Louro, 2014; Souza et al., 2019). Assim, é importante considerar que, independentemente do nível de escolaridade, todas as participantes vivenciaram um período histórico de repressão política, social e sexual que, conforme demonstram seus relatos, influenciou seus conhecimentos e vivências sexuais.

Suas experiências progressas (oportunidades de diálogo e inserção social; condições de vida; qualidade atribuída ao relacionamento íntimo; obtenção de informações e conhecimentos; e participação na UAI, entre outras) foram apontadas como mais relevantes do que a educação formal para as vivências associadas à sexualidade e às relações de gênero. Assim, diversos fatores (e não apenas a escolarização formal) são fundamentais para a compreensão e vivência satisfatória da sexualidade de idosas (Rodrigues et al., 2018; Vieira, Coutinho et al., 2016). A maioria das participantes apontou que gostaria de ter recebido mais informações, orientações e apoio sobre a sexualidade, especialmente no início da vida sexual, pois poderiam ter vivenciado a sexualidade e seus relacionamentos íntimos de forma mais esclarecida e prazerosa e com menos medos e dúvidas.

No geral, as percepções das participantes estão coadunadas com Queiroga et al. (2018), que exploraram o papel da educação para a construção dos significados

e das experiências sexuais e de gênero de idosas. Esses autores indicam que a falta de oportunidades dificulta a adaptação das mulheres às mudanças e aos desafios sexuais durante o envelhecimento. Percebe-se, assim, que uma educação adequada poderia minimizar dúvidas, despreparo, questionamentos e dificuldades, além de proporcionar melhorias nas vivências da sexualidade.

3.2 Categoria 2: Normatização da sexualidade

Foram identificadas nas entrevistas concepções que associaram a sexualidade aos padrões (de orientação) heterossexuais em contextos específicos (relacionamentos monogâmicos e, para a maioria, após o casamento). Assim, quando questionadas a respeito das suas funções e comportamentos nos relacionamentos íntimos, grande parte das participantes destacou a maternidade, o cuidado com os filhos, parceiros e familiares e as atividades domésticas como esperadas de serem executadas pelas mulheres: “Fui assim muito dona de casa, muito mãe, sabe? Toda a vida eu fui assim, muito direita nas minhas coisas, sabe? Eu gosto das coisas tudo assim, tudo certa. Toda a vida, assim, a responsabilidade de casa, eu que tomei conta” (Joana, 68 anos).

Tais resultados relacionam-se com os encontrados por Crema et al. (2017) e Sousa e Sirelli (2018), que destacam a divisão rígida de papéis, expectativas e funções entre os gêneros nos relacionamentos íntimos. Além disso, a dupla moral sexual foi evidenciada nas entrevistas, relatando que os homens possuíam/possuem maior liberdade e experiências sexuais do que as mulheres (as participantes atribuíram aos parceiros homens a busca por prazer e satisfação sexual independentemente da idade, bem como a possibilidade de manter/ter outras parceiras sexuais ao longo da vida, ainda que estivessem/estejam em relacionamentos estáveis) – algumas participantes relataram reais ou supostas traições durante seus casamentos. Esses aspectos correspondem ao modelo de família tradicional e de casamento que confere aos homens liberdade sexual para manter relações extra-conjugais e restringem, controlam e reprimem a sexualidade feminina – exigindo delas fidelidade e obediência (Medeiros, 2019).

Como mencionado, as participantes explicaram que foram educadas segundo valores tradicionais femininos, naturalizando o casamento e a maternidade como projetos de vida e de felicidade: “Veio como uma coisa natural na vida. Sabe, assim, você vai tipo aquele projeto, você nasce, cresce, arranja um amor, casa, ten-

ta ser feliz, entra sexo no meio porque você vai ter filhos” (Elza, 66 anos). Quando questionadas sobre os significados e as vivências da sexualidade e das relações de gênero tradicionais, as participantes responderam argumentando sobre suas funções assumidas nos relacionamentos ou sobre suas sexualidades: “Eu acho que é normal. Tem que ser assim mesmo” e “é necessidade. Normal, coisa normal, mesmo” (Dandara, 63 anos).

Nesses relatos, são identificáveis regularizações das experiências sexuais de acordo com discursos e padrões biológicos considerados normais e adequados à (hetero) norma (Foucault, 2014; Butler, 2016). Em decorrência dos mecanismos de regulação, a maioria das participantes apontou maior acesso (revistas, livros, vídeos, diálogos) dos homens às informações e experiências sexuais – realidade provavelmente recorrente quando elas se casaram – como se essa discrepância (entre os gêneros) fosse um aspecto natural: “Ah, homem você sabe, né?” (Valentina, 70 anos); “Homem é tudo igual” (Dandara, 63 anos).

Para as participantes, abdicar de seus interesses, necessidades e desejos sexuais em prol dos filhos, da família e dos parceiros seria uma das decorrências da manutenção da felicidade no casamento. Maria (64 anos) e Elza (66 anos) relataram que, após o casamento, pararam de trabalhar fora de casa e que, quando voltaram a trabalhar, enfrentaram resistências dos maridos. Simone (78 anos) pontuou que teve um relacionamento difícil com o parceiro, porém ela agia com tolerância e compreensão para evitar conflitos. Judith (69 anos) relatou que, diante de problemas, era preciso evitar discussões e brigas para que não ocorressem separações e distanciamentos. Medeiros (2019) e Queiroga et al. (2018) evidenciaram a expectativa social de cuidado, maternidade, discricção, resignação e distanciamento dos desejos sexuais por parte das mulheres, e, em relação aos homens, constataram as exigências de virilidade e eficácia, reflexos da educação e da socialização tradicionalistas de gênero recebidas pelas (atuais) idosas.

Maria (64 anos) associou o exercício da sexualidade à perspectiva religiosa (reprodução biológica como o objetivo das relações sexuais), e, diante da impossibilidade de gerar filhos com o envelhecimento feminino, as relações sexuais passaram a ser consideradas desnecessárias e pecaminosas:

Esse negócio de ter sexo só por ter, isso aí é até pecado, né? Porque sexo você tem que fazer é para procriar, foi o que Deus mandou. Crescei e multiplicai-vos.

Então, sexo tem a obrigação de criar, você entendeu? Gerar filhos. Aí como já de idade avançada não vai criar mais filhos, já é uma questão de amor mesmo, de carinho. Em carinhar o outro e também não precisa ter muito sexo também não.

Nísia (67 anos) justificou não aceitar fazer sexo anal com o parceiro também segundo argumentos religiosos, relatando ser a penetração vaginal correta para “mulheres reservadas”: “Como diz, eu sou meio bocuda, sexo daquele jeitinho papai e mamãe, mas eu expliquei tudo pra ele [...] eu me reservo muito, minha mãe me deu muito conselho. Deus não deu aquilo ali para isso, né? [referindo-se ao sexo anal]”. Cinco participantes citaram a maternidade como finalidade da vida sexual e do casamento:

Minha vida positiva foi que eu tive três filhos, eu gerei três filhos, pelo menos cumpri parte da vontade de Deus na minha vida. Eu acho que é isso aí. E eu vivia com ele por causa dos meus filhos. Se não fosse por causa dos meus filhos, eu tinha largado ele (Maria, 64 anos).

Ganham relevância a naturalização e a idealização da maternidade como capazes de suprir e silenciar outras necessidades e interesses (incluindo os sexuais) nos relacionamentos íntimos, além de motivar a preservação do casamento – como exposto no trecho anterior. Zanello et al. (2015) refletem que, ao longo da história, a desigualdade nas relações de gênero reforçou a suposição de que as mulheres teriam vocação e maior aptidão para o cuidado e a maternidade, aspectos que foram evidenciados nos relatos das participantes quando enfatizaram a dedicação que destinam aos seus filhos: “Eu foquei no casamento, em vez de sexo e de homem [...] eu, bem dizer, assim, eu nunca tive cabeça, assim. Eu foquei muito nos filhos, sabe?, eu fui uma supermãe” (Joana, 68 anos).

Em relação aos parceiros, a maioria das participantes relatou que sua principal função era o trabalho e a responsabilidade pela provisão financeira da família, além de destacarem o convívio social dos parceiros em saídas com amigos (momentos para beber e se divertir) em contraposição às privações e aos recatos que elas vivenciaram. A virilidade e a contínua disposição para a manutenção das relações sexuais também foram apresentadas pelas participantes como características tipicamente masculinas:

Olha, o [nome do parceiro], ele foi criado de uma maneira totalmente diferente. Então, ele não era assim aquele pai participativo, de comparecer em tudo quanto era festa, não. Mas ele era carinhoso com elas, sabe?, e o que precisava ele pagava. Então, eu fiquei mais por conta delas [filhas] (Elza, 66 anos).

Simone (78 anos) referiu-se à dupla moral sexual e evidenciou a honestidade, o sustento financeiro e o trabalho como características esperadas dos homens:

Meu marido era muito mulherengo, safado mesmo, mulherengo [risos]. Então, ele não era, ele foi muito bom pai, mas não foi tão bom marido. Mas não tem queixa dele com outras coisas. Faltar coisa pra mim, nunca faltou, né? Mas era da responsabilidade dele, da obrigação dele, ele era muito honesto demais. Honesto!

Tais conteúdos correspondem ao modelo tradicional da masculinidade hegemônica, que reforça expectativas e funções como produtividade, jovialidade, virilidade, agressividade, provisão financeira, poder de decisão nas famílias e busca intensa por prazer e satisfação sexual – muitas vezes distanciados da realidade (Zanello et al., 2015). Duas participantes relataram desigualdades de poder pautadas em rígidas e díspares relações de gênero que intensificaram violências contra as mulheres – todavia, essas situações não foram denominadas pelas participantes de violências, mas sim de episódios corriqueiros que acontecem nos relacionamentos, revelando sua naturalização: “Mas eu acho que eu casei com ele foi mais foi de medo, porque, quando eu vim estudar em [cidade], ele queria vim atrás e me matar, ele falava que me matava se eu não fosse embora” (Leila, 72 anos). Uma das participantes relatou agressões verbais, psicológicas e morais do parceiro (ameaças, xingamentos constantes, humilhações e pressões para que mantivessem relações sexuais), sentindo-se “acabada psicologicamente”, o que culminou na tentativa de suicídio:

Ele me xinga, porque ele me xinga o tempo todo, de cachorra velha, cachorra vagabunda. Eu, pra ele não dar tiro dentro de casa... porque ele chegava armado, muitas vezes, pra ele não dar um tiro nas paredes, em qualquer lugar perto dos meus filhos, eu sujeitava a deixar ele ficar até horas em cima de mim [choro] (Maria, 64 anos).

Essa participante também descreveu as violências praticadas por familiares durante sua infância e adolescência, relatando que, durante grande parte da vida, nunca revelou para ninguém tais fatos e assuntos que afetaram negativamente sua sexualidade e suas relações com os homens. Esse e os demais relatos reiteram tanto a naturalização quanto as repercussões negativas das relações dissimétricas de gênero e da(s) violência(s) nos relacionamentos íntimos das participantes durante seus envelhecimentos, que impactam o bem-estar, a autoestima e a sexualidade e que podem ter gerado/gerar sofrimentos psíquicos e adoecimentos (Medeiros, 2019; Sousa & Sirelli, 2018; Zanello et al., 2015).

3.3 Categoria 3: Resignificações sobre a sexualidade durante o envelhecimento

Nos discursos das participantes, observou-se que suas vivências e concepções sobre sexualidade não são lineares, fixas e rígidas, assim como argumentaram Fernandes et al. (2015). Uma parcela significativa das participantes pontuou que o processo de envelhecimento foi acompanhado de aquisição de novas experiências, conhecimentos e alterações que, mesmo limitados, possibilitaram questionamentos e reflexões sobre as relações de gênero e sexuais por elas vivenciadas. Entre as alterações e ressignificações citadas, destaca-se a desaprovação de situações às quais se submetiam (por supô-las normais), mas que agora são evitadas, tais como o desrespeito dos parceiros, a falta de carinho e diálogo, a prevalência da satisfação sexual masculina e a desigualdade de oportunidades de trabalho fora de casa e de acesso às informações:

Sabe? Nada disso. Ia para o quarto e já tinha a relação, ele às vezes, ele não ficava na cama, tinha a relação e tinha prazer e ia para sala, ligava a televisão e assistia um filme. Então, isso aí é uma coisa que... ah, antigamente aceitava, achava normal, né? Mas hoje eu vejo minhas filhas com isso assim, a gente é muito aberta, eu com as minhas duas filhas mulher, sabe? Então, hoje elas me contam assim e eu conto... “Mãe, mas como que a senhora deu conta?” [risos] (Joana, 68 anos).

Grande parte das participantes criticou o encerramento das relações sexuais após a satisfação do homem e igualmente destacou as mudanças de compreensão

sobre esse assunto ao longo do tempo na medida em que a satisfação mútua foi avaliada como importante:

Eu, de primeiro, eu achava que a mulher era obrigada a dá para o homem a qualquer momento. Depois, cheguei a uma conclusão de que não era por aí, né?, que tinha que ser ambas as partes, né? Então, botei isso na minha cabeça muito tempo. Depois, eu falei [...] vou quebrar esse tabu, né? Passei a procurá-lo também. Não é só ele. Eu tenho que ter o meu prazer, eu tenho que ter a minha hora também (Ângela, 73 anos).

Ademais, as participantes, ao declararem as diferenças percebidas entre gerações, destacaram o estranhamento diante das mudanças dos comportamentos sexuais das mulheres mais jovens, porém avaliaram de forma positiva a emancipação feminina que possibilitou maior independência econômica e emocional às mulheres, maior satisfação sexual e ampliação da participação social. A respeito da inserção social, a participação das idosas (e dos demais usuários, majoritariamente mulheres) na UAI pode ser considerada um reflexo dessa ampliação, visto que nesse espaço elas criaram novos vínculos, aprenderam novas informações e cuidaram da própria saúde e da qualidade de vida.

Esses relatos estão coadunados com algumas das reivindicações dos movimentos feministas visando à emancipação feminina e/ou à equidade das mulheres, incluindo a busca por satisfação sexual (Medeiros, 2019; Zanello et al., 2015). Em relação ao envelhecimento, Vieira, Nóbrega et al. (2016) salientam que as experiências anteriores e as transformações ocorridas também contribuem para mudanças na imagem pessoal, nos relacionamentos íntimos, nos investimentos e nos valores. Nesse sentido, há um processo constante de adaptações e reformulações que refletem nas (e alteram) concepções sobre sexualidade e gênero.

Nas entrevistas, foi possível notar argumentos que ora reafirmaram a servidão ao marido e a obrigatoriedade mesmo a contragosto das relações sexuais, ora produziam o reconhecimento das próprias necessidades, interesses e limites, por exemplo: “Eu também nunca fui de aceitar as coisas e vim com as broncas também. Seja o que for não... todo mundo tem que ter o seu limite. Eu fui criada com limite, vamos pôr limite em tudo” (Judith, 69 anos). Ângela (73 anos) ressaltou sentir desejo e prazer sexual, porém o marido não consegue manter relações sexuais (dis-

função erétil), e, assim, ela busca satisfação de outras formas (masturbação e vídeos eróticos); mas, ao reafirmar seus desejos e falar sobre sua sexualidade e busca por satisfação sexual, ela relatou também ser recriminada e desencorajada pelo marido e pelos filhos que a designam como “boba” ou “assanhada”. No entanto, quando questionada sobre como são essas experiências, ela demonstrou constrangimento diante da não correspondência do parceiro (homem) aos papéis esperados da masculinidade no relacionamento: “Olha, eu acho ridículo. De se ter um homem dentro de casa e eu contar isso, por exemplo, se eu fosse contar para alguém, né? Se eu fosse contar pra alguém. Lá em casa eu tenho que fazer isso, masturbar por isso” (Ângela, 73 anos).

Evidencia-se nesse sentido a pluralidade de concepções e vivências que permeiam a sexualidade e não se adaptam completamente às normas e exigências sociais esperadas para os gêneros (Butler, 2016; Louro, 2014). Vale destacar que essas mudanças envolvem igualmente dificuldades, sofrimentos e conflitos por conta da desestabilização das normas de sexualidade e de gênero, consideradas adequadas para homens e mulheres, adultos e idosos. Ressalta-se que, apesar de grande parte das participantes atribuir novos significados, possibilidades e vivências às relações de gênero e à própria sexualidade, eles não possuem força suficiente para romper com os esquemas e relações tradicionais de caráter heteronormativo (Butler, 2016; Foucault, 2014; Louro, 2014).

Assim, as vivências da sexualidade das participantes e os significados constantes em seus relatos estão inseridos em um jogo conflituoso que, por um lado, reafirmam os valores morais, religiosos e tradicionais e a lógica heteronormativa hegemônica, e, por outro, questionam essa mesma lógica, buscando satisfação sexual, prazer e mudanças nas relações de gênero estabelecidas em seus relacionamentos íntimos.

4. Considerações finais

Esta pesquisa permitiu compreender os significados e as vivências de idosas, frequentadoras de uma UAI, sobre sexualidade e relações de gênero vivenciadas em seus relacionamentos íntimos. Evidenciaram-se a educação rígida recebida pela família e a ausência de diálogo e de esclarecimentos sobre a sexualidade; além disso, repressões foram impostas às participantes em consonância com concepções rígidas e desiguais de gênero pautadas na heteronormatividade. Especificamente,

os pais e familiares repassaram às participantes concepções esperadas para as mulheres daquele momento histórico (recato; virgindade antes do casamento; casamento heterossexual, monogâmico e indissolúvel; maternidade; cuidados), e, nesse sentido, a sexualidade feminina foi associada às normatizações e aos tradicionalismos de gênero (reprodução biológica, resignação, satisfação sexual dos parceiros e distanciamento em relação ao próprio prazer). Todavia, diferentemente de parte da literatura científica, as participantes com níveis de escolaridade mais elevados declararam que o acesso a mais anos de escolarização formal não promoveu o diálogo e o esclarecimento sobre o assunto. Mas algumas dessas concepções e experiências foram ressignificadas durante o processo de envelhecimento (possibilidade de liberdade sexual e busca pelo prazer, questionamentos sobre os privilégios masculinos, entre outros aspectos). Muitos dos constrangimentos, contudo, permaneceram (reiteração de normas, padrões e expectativas de gênero e sexualidade transmitidos principalmente pela qualidade, e não pela quantidade de anos, da educação recebida).

As participantes demonstraram nas entrevistas as complexidades e ambivalências das experiências e dos significados atribuídos às relações de gênero e sexualidade, cultivadas nos relacionamentos íntimos, destacando a importância de suas experiências anteriores e dos contextos familiares, educacionais, socioeconômicos e culturais. O envelhecimento e a sexualidade foram em parte ressignificados de acordo com suas transformações pessoais e sociais, as oportunidades de aquisição de conhecimentos e informações, e a qualidade de seus relacionamentos íntimos. Nesse contexto, a participação na UAI mostrou-se relevante, pois permitiu uma maior inserção social e foco no próprio cuidado e na qualidade de vida. Portanto, tais concepções não se processaram de forma linear e fixa.

Algumas das limitações deste estudo referem-se às características específicas da amostra (número de participantes; o fato de serem frequentadoras de uma única instituição; as influências de outras categorias que interseccionam gênero e sexualidade). Entende-se que, por fim, mesmo que os resultados forneçam informações importantes sobre a sexualidade feminina e as relações de gênero no envelhecimento de idosas no período pós-menopausa – bem como algumas resistências/transformações das participantes –, são necessárias outras pesquisas e investigações com grupos mais amplos de idosas e que analisem outros marcadores sociais envolvidos nesse processo para ampliar a compreensão sobre a temática.

Acredita-se que esta pesquisa possa contribuir para a ampliação de conhecimentos sobre a sexualidade de idosas a partir das perspectivas delas e da intersecção entre sexualidade, gênero e geração (e também escolarização), impulsionando ações e propostas equitativas de cuidado, atenção e informações às idosas que contemplem suas reais especificidades e necessidades, fortalecendo e aprimorando políticas públicas já existentes – mas que nem sempre são funcionais.

Referências

- Alves-Silva, J. D., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2016). Conjugalidade e casamentos de longa duração na literatura científica. *Contextos Clínicos*, 9(1), 32–50. doi:10.4013/ctc.2016.91.03
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. doi:10.1191/1478088706qpo630a
- Butler, J. (2016). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* (12a ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Cabral, N. E. S., Lima, C. F. M., Rivemales, M. C. C., Souza, U. S., & Silva, B. M. C. (2019). Compreensão da sexualidade por idosas de área rural. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 72(supl. 2), 147–152. doi:10.1590/0034-7167-2018-0385
- Crema, I. L., De Tilio, R., & Campos, M. T. A. (2017). Repercussões da menopausa para a sexualidade de idosas: Revisão integrativa da literatura. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(3), 753–769. doi:10.1590/1982-3703003422016
- Fernandes, J., Barroso, K., Assis, A., & Pochay, F. (2015). Gênero, sexualidade e envelhecimento: Uma revisão sistemática da literatura. *Clínica & Cultura*, 4(1), 14–28. Recuperado de <https://seer.ufs.br/index.php/clinicaecultura/article/view/3403>
- Fernandes-Eloi, J., Dantas, A. J. L., Souza, A. B. D. S., Cerqueira-Santos, E., & Maia, L. M. (2017). Intersecções entre envelhecimento e sexualidade de mulheres idosas. *Saúde & Transformação Social*, 8(1), 61–71. Recuperado de <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeettransformacao/article/view/4196/4964>
- Foucault, M. (2014). *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Louro, G. L. (2014). *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.
- Medeiros, L. F. (2019). A inter-relação entre transtornos mentais comuns, gênero e velhice: Uma reflexão teórica. *Cadernos Saúde Coletiva*, 27(4), 448–454. doi:10.1590/1414-462x201900040316

- Minayo, M. C. S. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: Consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(7), 1–12. Recuperado de <https://editora.sepq.org.br/index.php/rpq/article/view/82>
- Nardelli, G. G., Malaquias, B. S. S., Gaudenci, E. M., Ledic, C. S., Azevedo, N. F., Martins, V. E., & Santos, A. S. (2016). Conhecimento sobre síndrome da imunodeficiência humana de idosos de uma unidade de atenção ao idoso. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 37(esp.), 1–9. doi:10.1590/1983-1447.2016.esp.2016-0039
- Queiroga, S., Magalhães, S. I., & Nogueira, C. (2018). Vivências e percepções de sexualidade de portuguesas com mais de 65 anos. *Revista Estudos Feministas*, 26(3), 1–19. doi:10.1590/1806-9584-2018v26n346791
- Rodrigues, L. R., Portilho, P., Tieppo, A., & Chambo, A., Filho (2018). Análise do comportamento sexual de idosas atendidas em um ambulatório de ginecologia. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 21(6), 724–730. doi:10.1590/1981-22562018021.180090
- Santos, D. K., & Lago, M. C. S. (2016). O dispositivo da idade, a produção da velhice e regimes de subjetivação: Rastreamentos genealógicos. *Psicologia USP*, 27(1), 133–144. doi:10.1590/0103-656420140060
- Sousa, M. O., & Sirelli, P. M. (2018). Nem santa, nem pecadora: Novas roupagens, velhas dicotomias na coisificação da mulher. *Serviço Social & Sociedade*, (132), 326–345. doi:10.1590/0101-6628.144
- Souza, C. L., Gomes, V. S., Silva, R. L., Silva, E. S., Alves, J. P., Santos, N. R., ... & Ferreira, S. A. (2019). Envelhecimento, sexualidade e cuidados de enfermagem: O olhar da mulher idosa. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 72(supl. 2), 71–78. doi:10.1590/0034-7167-2018-0015
- Turato, E. R. (2013). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas* (6a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Uchôa, Y. S., Costa, D. C. A., Silva, I. A. P., Junior, Silva, S. T. S. E., Freitas, W. M. T. M., & Soares, S. C. S. (2016). A sexualidade sob o olhar da pessoa idosa. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 19(6), 939–949. doi:10.1590/1981-22562016019.150189
- Vieira, K. F. L., Coutinho, M. P. L., & Saraiva, E. R. A. (2016). A sexualidade na velhice: Representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 36(1), 196–209. doi:10.1590/1982-3703002392013
- Vieira, K. F. L., Nóbrega, R. P. M., Arruda, M. V. S., & Veiga, P. M. M. (2016). Representação social das relações sexuais: Um estudo transgeracional entre mulheres. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(2), 329–340. doi:10.1590/1982-3703001752013

Zanello, V., Fiuza, G., & Costa, H. S. (2015). Saúde mental e gênero: Facetas gendradas do sofrimento psíquico. *Fractal: Revista de Psicologia*, 27(3), 238–246. doi:10.1590/1984-0292/1483

Notas dos autores

Izabella L. Crema, Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas, Prefeitura Municipal de Uberaba; **Rafael De Tilio**, Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP-UFTM), Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

Correspondências referentes a este artigo devem ser encaminhadas para Rafael De Tilio, Rua do Professor, 370, ap. 203, Jardim Irajá, Ribeirão Preto, SP, Brasil. CEP 14020-280.

E-mail: rafaeldetilio.uftm@gmail.com

CORPO EDITORIAL

Editora-chefe

Ana Alexandra Caldas Osório

Editores de seção

Avaliação psicológica

Alexandre Serpa

Luiz Renato Rodrigues Carreiro

Vera Lúcia Esteves Mateus

Psicologia e educação

Cristiane Silvestre de Paula

Carlo Schmidt

Psicologia social

Bruna Suguagy do Amaral Dantas

Enzo Banti Bissoli

Psicologia clínica

Eduardo Fraga Almeida Prado

Marina Monzani da Rocha

Carolina Andrea Ziebold Jorquera

Desenvolvimento Humano

Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira

Rosane Lowenthal

Suporte técnico

Letícia Martinez

Camila Fragoso Ribeiro

PRODUÇÃO EDITORIAL

Coordenação editorial

Ana Claudia de Mauro

Estagiária editorial

Júlia Lins Reis

Preparação de originais

Carlos Villarruel

Revisão

Mônica de Aguiar Rocha

Diagramação

Acqua Estúdio Gráfico